APRESENTAÇÃO

Aos leitores e às leitoras da Opsis, apresentamos o presente Dossiê: História Religiosa na Itália e no Brasil, fruto do Acordo de Cooperação Interuniversitária Internacional, firmado entre a Universidade Federal de Goiás e a Università degli Studi di Milano, em 2012. Como uma das finalidades do Acordo é a "dinamização das pesquisas feitas no Brasil e na Itália que tenham temas ou interesses comuns", elegemos, assim, a História Religiosa nestes dois países.

Diante de tal temática, é relevante lembrar que a religião não discute somente assuntos pertinentes à fé, ou aos caminhos da salvação. Ocupa-se disto e mais do que disto, porque busca estender as suas influências, sobretudo àquilo que os seus adeptos vivem, procurando estabelecer orientações para as mais variadas circunstâncias da vida deles.

Abrimos o Dossiê com o artigo de Marco Bartoli, "Chiara d'Assisi e il diritto di non avere diritti" (Clara de Assis e o direito de não ter direito), no qual o autor analisa a relevância que teve, para Clara e suas irmãs, no mosteiro de São Damião de Assis, o documento *Sicut manifestum*, do papa Gregório IX, de dia 17 de setembro de 1228, uma espécie de confirmação do *Privilegium paupertatis*, concedido pelo papa Inocêncio III. Assim, o autor discute as raízes do *Sicut manifestum*, bem como os seus desenvolvimentos subsequentes na vida daquelas mulheres e no seu empenho em uma vida evangélica.

Em seguida, temos o artigo de Marina Benedetti, "A fábula da princesa herege que veio de longe. Ainda sobre Guglielma". O artigo, dividido em duas partes (biografia e hagiografia), procura mostrar as várias tendências no processo de criação da saga de uma "princesa herética vinda de longe", Guglielma, que morreu em Milão em 1281-1282 e que se tornou conhecida através dos atos de um processo inquisitorial, realizado em 1300. Para isto, a autora aborda as diferentes fontes relacionadas a essa mulher e ressalta que, embora se saiba muito pouco sobre Gugliema, verifica-se que, nas mais recentes tendências historiográficas, as informações são combinadas para criar uma única Guglielma.

O artigo seguinte, "Il Divino e le monete: iconografia, contesti sacri e usi rituali" (O Divino e as moedas: iconografia, contextos sagrados e usos ritualísticos)", da lavra de Lucia Travaini, ressalta que, assim como hoje, em tempos pretéritos era da competência dos Estados a cunhagem de moedas. A autora lembra que a iconografia permite, tanto no presente como no passado, identificar a autoridade emitente da moeda e que é responsável pela sua qualidade. Lembra igualmente que, na Antiguidade, os deuses sempre estiveram presentes em um dos lados das moedas: Zeus ou Apolo em moedas gregas; Júpiter, Vênus, Hercules, Diana, Sol Invictus e muitas outras divindades nas moedas romanas; personificações divinizadas de Atena e de Roma sobre as moedas das duas cidades; na Idade Média e nos tempos modernos, santos padroeiros figuravam nas moedas. Mostra que o uso das moedas se estendia para além da esfera econômica, servia até em um intercâmbio com o Além, uma vez que foram encontradas moedas em túmulos, em fundações de edifícios e até mesmo como relíquias conservadas em algumas igrejas.

O próximo texto é de Daniela Saresella, que contribui com o artigo "O modernismo italiano entre história e historiografia". Nele, a autora destaca que a passagem do século XIX para o século XX pôs em crise o mundo católico europeu, por conta da aversão pela modernidade, enraizada nos ambientes eclesiásticos desde a Revolução Francesa. Constata que tal aversão havia empobrecido a cultura católica; entretanto, muitos intelectuais católicos se questionavam sobre o abrir-se ao confronto com os desafios do mundo contemporâneo. Ensina também que, na Itália, o modernismo se estendeu "das questões puramente teológicas e exegéticas" para "uma conotação social e se caracterizou por um forte interesse pelas condições dos 'últimos'". Informa ainda que, no início do século passado, apareciam "os primeiros grupos de católicos democráticos", em diálogo com o mundo socialista.

Adriana Valerio escreveu "La sfida delle donne al Concilio Vaticano II: anticipatrici e protagoniste"(O desafio das mulheres no Concílio Vaticano II: antecipadoras e protagonistas). Tomando como marco o Concílio Vaticano II, evento que viu pela primeira vez na história da Igreja Católica a participação das mulheres – tanto como ouvintes como peritas –, constata que elas, as mulheres, fizeram uma contribuição importante para os debates acerca da renovação eclesial. Processo devedor do empenho das mulheres católicas desde o ínício do século passado, como Dora Melegari, Antonietta Giacomelli, Valeria Paola Pignetti e Elisa Salerno, algumas das "feministas católicas italianas". Tais mulheres abriram caminho e chamaram os conciliares a uma profunda reflexão acerca do "ser mulher na Igreja, na relação entre a Bíblia e a libertação feminina, sobre o papel da vida religiosa, sobre as relações entre o patriarcado, a cultura da paz e da eco-sustentabilidade"; assim, lutaram para afirmar um novo paradigma antropológico, que desafiou a visão tradicional das mulheres na Igreja, relegadas a um papel subordinado.

Fechando o dossiê, Francisco Fagundes de Paiva Neto, com o texto "Monsenhor Luigi Pescarmona e as lutas sociais na Diocese de Guarabira/PB", através de diversas fontes, discute a trajetória religiosa e política do padre italiano Luigi Pescarmona. Vindo de uma família católica com simpatia pelo socialismo, Pescarmona sofreu a influência da experiência de sacerdotes italianos opositores do regime fascista. A trajetória como padre se deu em meio a duas grandes transições no campo religioso católico: o Concílio do Vaticano e a crise da Teologia da Libertação, a partir da década de 1980. Como missionário, ele foi ligado à Teologia da Libertação, cuja relação se deu com as demandas pela reforma agrária, sobretudo no estado da Paraíba, no Brasil.

Teresinha Maria Duarte abre a seção de artigos livres com "A concepção de Estado em A *Cidade de Deus*". A partir da análise da citada obra de Santo Agostinho, a autora constata que o Doutor de Hipona reconhece a existência de duas cidades: uma celestial e outra temporal. Embora a cidade terrena só encontre seu destino na cidade celeste, é na cidade terrestre que se pode verificar a concepção de cidade do Bispo de Hipona. Para ele, as "vicissitudes históricas são permitidas por Deus, para a redenção dos vencidos. E aqueles que governarem a cidade temporal – os Estados – são chamados por Deus para manterem a ordem em prol da justiça e da paz, para a felicidade de todos".

Em seguida, temos "A Reforma Passos**.** Retórica da sedução no Rio de Janeiro do alvorecer do século XX", de autoria de André Nunes de Azevedo, no qual o autor mostra como

a reforma urbana desencadeada pelo prefeito Pereira Passos tinha como objetivo fazer "uma integração conservadora das camadas populares ao Centro urbano do Rio de Janeiro". Para Azevedo, o prefeito do Rio de Janeiro quis fazer do Centro da cidade um lugar condizente com uma "cidade civilizada".

Antonio de Pádua Bosi apresenta "Trabalho e agroindústria no oeste do Paraná: o caso dos moradores de Vila Celeste", trabalho no qual "discute a relação entre capital e trabalho na cadeia avícola" de Vila Celeste, no oeste paranaense. No decorrer do seu artigo, mostra como a maioria dos moradores daquele local trabalha para uma cooperativa agroindustrial, participando das diferentes etapas da produção de frangos; esclarece, outrossim, que a Vila Celeste não foi uma criação da cooperativa, mas lembra que "o fato de os moradores serem majoritariamente empregados por uma única empresa aproxima-a das típicas vilas operárias, comuns no século XIX e começo do XX". O autor prossegue o seu estudo examinando a importância que a referida vila tem para os trabalhadores e para a empresa, bem como a forma como lidam com as suas experiências no que toca à vila e à cooperativa.

Finalizando, a resenha de Lílian Marta Grisolio, sobre o livro *Paraíso perdido: viagens ao mundo socialista*, de Frei Betto, parte de constatações das atuais crises políticas, sociais e econômicas, no Brasil e no mundo, para indagar se "[...] é válido perguntar como tratar de assuntos como Teologia da Libertação, socialismo, religião e ideologia, críticas ao capital e fé neste mundo de hoje". E diz que a obra de Frei Betto são "[....] suas memórias que se confundem com a história da esquerda na segunda metade do século XX.". Obra que considera, ao mesmo tempo, instigante e carregada de esperança e otimismo, especialmente no atual contexto político.

A todos e a todas desejamos uma boa e proveitosa leitura,

Teresinha Maria Duarte
Marina Benedetti